



## VAMOS CONHECER AS CIDADES DA LUSITÂNIA: SALACIA (ALCÁÇER DO SAL), MIRÓBRIGA E SINES



**Dia:** 17 de Novembro de 2018, sábado

**Hora e local de partida:** 08h00, Parque das Nações (junto ao AKI)

**Hora e local de regresso:** 20h00, Parque das Nações (junto ao AKI)

**Seguro de viagem:** incluído

**Almoço:** incluído

**Entradas em todos os sítios arqueológicos e museus:** incluído

**Preço:** 40€ (35€ para sócios da Associação CLENARDVS)

**Inscrições e esclarecimentos:** [secretariado@clenardus.com](mailto:secretariado@clenardus.com) (até dia 4 de Novembro de 2018)

**Acompanhante:** Filomena Barata, Arqueóloga

### PROGRAMA

**08h00** – Comparência para embarque.

**08h30** – Partida, em autocarro, em direcção a Alcácer do Sal.

**10h00** – Chegada a Alcácer do Sal:

- Visita à cripta do castelo de Alcácer do Sal, Necrópole Romana e Igreja de Santa Maria.

**11h30** – Partida para Santiago do Cacém, passando pela Capela do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal).

**12h30** – Almoço em Santiago do Cacém, no Restaurante Covas.

Menu único:

- Entradas (pão, azeitonas, manteiga, paté e sopa de legumes);
- Prato de Peixe (arroz de polvo malandrinho);
- Prato de Carne (perna de porco assada no forno, com arroz, batata frita e salada);
- Sobremesa (doces variados ou salada de frutas)
- Café;
- Bebidas durante a refeição (água ou sumos ou vinho da casa ou imperial).

**14h00** – Visita às Ruínas de Miróbriga

**16h00** – Partida para Sines

**16h30** – Visita ao Museu do Castelo de Sines / Casa de Vasco da Gama / Castelo de Sines.

**18h00** – Regresso a Lisboa.

**20h00** – Chegada a Lisboa.

## ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

por Filomena Barata

### Alcácer do Sal

A cidade de Alcácer do Sal, capital de Concelho, situa-se na faixa litoral do Baixo-Alentejo, na margem norte do rio Sado.

A sua posição geográfica e a estreita e intensa relação com o rio Sado justificam a importância política, militar e económica que este núcleo urbano adquiriu ao longo do Tempo. A fertilidade gerada pelo rio Sado, designadamente no que respeita à exploração agrícola, ao pastoreio e à tecelagem, e a possibilidade que o mesmo tem de escoar produtos até ao estuário, melhor, até ao Oceano Atlântico, junto a Tróia e Setúbal, foram certamente as grandes motivações para a ocupação humana e para a centralidade deste local desde, pelo menos, a Idade do Ferro.

Já Políbio, no século II a.C., se referia à importância do trigo e do vinho nesta região, facto que leva os arqueólogos que aí trabalharam a relacionar essa riqueza às espigas e ramos que aparecem representadas em moedas cujos cunhos são atribuídos à cidade pré-romana de *Beuipo*, atestando a produção de cerealífera.

Salienta-se também a actividade pecuária, particularmente a criação de gado bovino, ovino e caprino. O fabrico de tecidos ligeiros à base de lã é, inclusivamente, referido em inícios do século I d.C. por Estrabão (III, 2,6), actividade essa comprovada através das escavações efectuadas na área do Castelo, que revelaram a existência fusaiolas (cossoiros) e ainda de pesos de tear romanos. Também Plínio, no século I d.C., nos dá nota da importância das lãs aqui produzidas.

A actividade piscatória também está comprovada no período romano através de indícios encontrados no Castelo, tais como pesos de rede e naveta de cozer redes.

A existência de moedas pré-romanas de provável fabrico local, com alusões a motivos marinhos, designadamente representações de golfinhos e de atuns, faz crer que a pesca também já era aqui praticada na Proto-História, tudo indicando que existisse também actividade conserveira, que atinge o seu apogeu no período romano, a exemplo do que se pode confirmar no grande centro conserveiro de Tróia.

Desde épocas recônditas, Alcácer do Sal, pela proximidade do estuário e do Oceano, é também conhecida pela produção de sal, sabendo-se que em Período Romano a sua produção já tinha grande impacto económico.

Assim sabemos que, em período romano, Alcácer atinge grande pujança, readquirida posteriormente, na Idade Média, com particular destaque na Época Islâmica.

O local onde se implantará na Idade Média o Castelo de Alcácer do Sal manifestou ser um dos sítios preferenciais da ocupação das populações de vários períodos históricos.

Em período mais recente, na Época Moderna, aí se implantará o Convento de Nossa Senhora de *Aracaeli*.

O período Moderno e Contemporâneo será assim marcado pela presença das freiras Clarissas, ou seja, da Ordem de Santa Clara de Assis, com a construção de um edifício religioso na segunda metade do século XVI, no reinado de D. Sebastião, por iniciativa de Rui Salema, fidalgo da casa de D. Luís, duque de Beja e filho do rei D. Manuel I.

Na sua construção foi aproveitado e remodelado o anterior edifício aí existente, a que tinha sido a fortaleza da Ordem de Santiago da Espada.

Assim, a visita à “cripta arqueológica” do Castelo pode considerar-se uma verdadeira viagem no Tempo, onde convivem lado a lado as fundações seiscentistas de algumas das construções conventuais mais recentes, com vestígios da Idade do Ferro, cerca de dois mil equinhentos anos mais antigas.

O povoado Proto-Histórico de *Beuipo* (séculos VII a III/II a.C.) foi um aglomerado populacional de considerável importância. Já à época, como sempre o foi, o Sado constituía uma via fluvial privilegiada, pois permitia o escoamento de produtos e a sua penetração, estando atestado o contacto comercial com o Mediterrâneo Oriental e mesmo com a fachada do Atlântico Norte.

Esse povoado da Idade do Ferro ocupava uma posição de controlo sobre o rio *Callipus*(Sado), situando-se num local recuado mas relativamente próximo do estuário, de fácil acesso à navegação marítima e, portanto, propício ao intercâmbio comercial e cultural.

Segundo os arqueólogos que se dedicaram ao seu estudo, tratava-se de um dos “mais importantes povoados pré-romanos do litoral atlântico”, se bem que caracterizado por um urbanismo incipiente.

Destaca-se, contudo, a existência de um edifício que parece tratar-se de um templo, cujas estruturas serão integradas, em Período Romano, num santuário.

Os materiais arqueológicos agora expostos na Cripta Arqueológica, correspondentes à Idade do Ferro, foram todos exumados no local e denunciam influências mediterrânicas e orientalizantes, designadamente a cerâmica feita a torno - cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta-fina, cerâmica policroma de bandas, bem como ânforas de origem fenícia. Confirma-se também a influência púnica (ou cartaginesa), nos séculos IV a III a.C., através da presença de ânforas ibero-púnicas e de cerâmica revestida por aguada vermelha, sobretudo os chamados “pratos de pescado”.

Também da Idade do Ferro são as estatuetas de terracota e de bronze, alguns adornos e amuletos, fragmentos de anforiscos de vidro, diversos cossoiros (fusaiolas) e moedas.

Na área do santuário, para além de outros materiais arqueológicos, foi trazido à luz um conjunto de figurinhas de bronze, umas zoomórficas e outras antropomórficas, datáveis do século V a.C, destacando-se a representação de guerreiros; de orantes, com os braços colocados em posição de oração e de animais quadrúpedes, tais como bovídeos e um equídeo.

De entre os objectos de adorno e amuletos, salienta-se um talismã egípcio esculpido que, numa das faces, exhibe a representação do olho do deus egípcio *Horus*, filho de *Osíris* e de *Ísis* e, na face oposta, a figura de um quadrúpede, atestando os contactos mantidos com o Mediterrâneo Oriental.

Mas também no Castelo de Alcácer do Sal foram encontrados fragmentos de cerâmica ática, proveniente da Grécia.

Não muito longe do Castelo, localiza-se a principal necrópole relacionada com o povoado Proto-Histórico, no Olival do Senhor dos Mártires, conhecida desde o século XIX, onde apareceu um notável espólio arqueológico de que se pode destacar a existência de urnas de várias dimensões contendo cinzas, vasos gregos ricamente decorados, elementos da roda de um carro, lanças de ferro, solifereira (lanças), falcatas, d espadas de antenas e objectos de adorno, como as xorcas com “sanguessugas”.

Em trabalhos mais recentes efectuados na necrópole, em finais dos anos 60 e ainda em 1979/80, coordenados por António Cavaleiro Paixão, foram encontradas outras sepulturas que correspondem ao momento mais antigo da ocupação da Idade do Ferro do núcleo urbano. Do notável espólio arqueológico encontrado destacamos a existência de escaravelhos sagrados egípcios.

Também não muito longe do Castelo, no Bairro de S. Francisco, foi, mais recentemente, identificada uma outra necrópole com níveis da Idade do Ferro, onde apareceram fragmentos de cerâmica grega e orientalizante e mais tardia, já do Período Romano.

Se bem que não seja possível a visita à necrópole do Olival do Senhor dos Mártires vale, contudo, a pena fazer conhecer o Santuário com o mesmo nome que ali se implantou, sendo dos templos cristãos mais antigos e que se transformou em lugar de romagem, que começou a ser construído no século XIII pelos Cavaleiros da Ordem de Santiago.

A partir dos séculos II e I a.C., predomina ainda, na área do Castelo de Alcácer do Sal, a cerâmica púnica e/ou ibero-púnica, mas começa a aparecer uma cerâmica de origem itálica denominada campaniense, bem como ânforas romanas do período republicano.

Importante povoado no decurso da Idade do Ferro, o aglomerado urbano vai ampliar-se em Época Romana, no decurso do Alto Império, mantendo a centralidade que já possuía na Proto-História e acentuando funções administrativas, tal como comprova a epigrafia que identifica a existência de magistrados locais.

O seu território, a *Civitas* de *Salacia*, poderia ter abrangido uma vasta área, até ao estuário do Sado, controlando *Caetobriga* (a actual Setúbal) e Tróia e, a sul,

parte da actual serra de Grândola, dominando administrativamente grande parte do Baixo e Médio Sado.

A importância de *Salacia* é referida pelas fontes latinas, designadamente Pompónio Mela (*De Chorogr.*, III, 1,8) e Plínio (*NH*, IV, 35, 116), que, no século I d.C., refere que os *oppidamais* famosos situados na costa a partir do Tejo são *Olisipo* e *Salacia*, cognominado *Urbs Imperatoria*.

Se bem que seja difícil a identificação de edifícios públicos no interior do recinto do Castelo que foi escavado, *Salacia* possuiria muito certamente o seu centro administrativo, o *Forum*, que, a avaliar pelas investigações recentes se deveria localizar numa plataforma compreendida entre a Igreja de Santa Maria do Castelo e o Convento de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup> de *Aracaeli*.

A sacralização do local onde se havia implantado, na Idade do Ferro, um santuário mantém-se em Período Romano, implantando-se um templo onde se recolheu também um notável espólio de que salientamos uma placa em chumbo, onde curiosamente há voto de “mau-olhado”, cuja tradução segundo Amílcar Guerra é:

*“Ó Senhora Mégara Invicta! Tu, que recebeste o corpo de Átis, digna-te receber o corpo daquele que levou as minhas bagagens, que mas roubou da casa de Hispano. Ofereço-te como dádiva o corpo e alma daquele, para que eu encontre as minhas coisas. Se vier a encontrar esse ladrão, então prometo-te, ó Senhor Átis, um quadrúpede como vítima. Ó Senhor Átis, rogo-te, pelo teu Nocturno, que faças com que eu as obtenha quanto antes.”*

Este mesmo local que foi continuamente sacralizado, seja em período muçulmano com a implantação de uma mesquita, seja em fase já cristã com a fundação da Igreja de Santa Maria e, mais tarde ainda, com a edificação da capela da Ordem de Santiago e com a construção da igreja do Convento a Nossa Senhora de *Aracaeli* (o Altar do Céu), pode considerar-se, assim, um lugar sagrado por excelência.

São conhecidas algumas necrópoles romanas da cidade, na azinhaga do Senhor dos Mártires, em S. Francisco e no Bairro do Crespo e também foram identificados, nas imediações de Alcácer do Sal, os restos de um aqueduto, uma barragem romana, e ainda são conhecidos testemunhos na zona baixa e ribeirinha do núcleo urbano.

A fertilidade do rio e seus afluentes permitiu que aí se implantassem também casas agrícolas, *uillae*, e unidades de produção cerâmica.

Se bem que o Período Tardo-Romano seja mal conhecido neste local, tudo indicando que *aurbs* tenha começado a decair após o século IV/V d.C., são, contudo, conhecidos materiais arqueológicos do Período Visigótico, o que leva a concluir que, na altura da conquista islâmica de 711, o espaço intra-muros ainda fosse ocupado.

Esta situação verifica-se também em alguns locais do concelho, a exemplo da importante *uilla* de S. João dos Azinhais/Torrão, junto ao rio Xarrama, ocupada desde o início do Império Romano até à fase Visigótica, tendo-se aí erguido, em

finais do século VII, uma Igreja dedicada aos mártires Justo e Pastor, facto comprova que a vida rural se mantém bastante activa nas vésperas de ser anexado ao Califado Omíada de Damasco, situação essa que parece comprovar-se também na *uilla* romana de Santa Catarina de Sítimos onde decorreram recentemente trabalhos de escavação. Pode, contudo, afirmar-se que ali se encontram importantes testemunhos da presença romana, com inícios em meados do século I a. C mas prolongando-se no tempo.

O domínio islâmico que se instala na Península Ibérica com a invasão militar de Tarik em 711 d.C., parece ter-se processado de forma gradual e pacífica em grande parte do Sul do que é hoje o território nacional, pois foi fácil aos novos senhores substituírem-se aos antigos, fruto da desfragmentação dos reinos cristãos germânicos e visigóticos.

Se bem que, a partir do Século VIII, se sinta a influência da Islamização, são, contudo, poucas as referências a Alcácer recolhidas em documentos ou crónicas relativas ao período muçulmano, sendo, não obstante, nomeada desde o século X até ao século XV.

Os chefes muçulmanos parecem também ter ocupado a zona mais alta, no século VIII, e terão aproveitado parte das muralhas romanas, para aí instalar uma fortificação, mas desta fase inicial não são conhecidos vestígios.

Após o século X parece desenvolver-se um segundo núcleo na ribeira do Sado, nas zonas mais baixas.

A criação de fortificações como Alcácer, Sesimbra, Palmela ou até mesmo Santiago de Cacém, no período emiral (séculos VIII/IX), parece dever-se à necessidade de prevenção e vigilância da costa contra a pirataria, a exemplo do que acontecia com Alcácer que também desempenhou certamente nesta fase um importante papel no escoamento de produtos através do *Wadi Satubar* (o rio de *Setúbal*, isto é o Sado), designadamente madeiras, minérios como o ferro e o cobre.

O início do século marca o fim de um período, assiste-se à decadência do poder omíada e à fragmentação do território cordovês e sua abolição em 1030, iniciando-se o período dos reinos *taifas*, tendo Alcácer assumido novamente um maior protagonismo regional.

Com a Conquista Cristã todos os grandes centros islâmicos vão sendo tomados, e Alcácer do Sal passa a estar, após a conquista das cidades de Santarém e Lisboa, em zona de fronteira entre os territórios árabes a Sul, e os territórios cristãos a Norte.

Em 1160, dá-se a conquista cristã de Alcácer, com o apoio de cruzados que fazem escala em Lisboa, embora tenha permanecido como enclave cristão em espaço islâmico, motivo pelo que, em 1191, cai novamente nas mãos do Califa almóada Ya'qub al-Mansor, só voltando às mãos de Cristãos em 1217.

Tendo em vista um maior e mais efectivo controlo territorial, é decidido instalar-se, logo após a conquista, a sede da Ordem de Santiago em Portugal, na alcáçova do castelo de Alcácer o que viabilizará a participação dos Espatários

em campanhas militares decisivas de conquista, tendo sido sede da Ordem a partir de 1217 até 1442 (com um interregno a favor de Mértola), altura em que a sede é definitivamente transferida para Palmela.

O castelo cristão mantém, não obstante, grande parte da sua feição islâmica, tendo a Ordem aproveitado e remodelado os restos da anterior edificação fortificada.

A partir do século XIV Alcácer perde a importância militar e sofre um grande impacto com a deslocação da sede da Ordem de Santiago para Palmela.

A reutilização deste espaço com a presença, em época moderna, das Freiras Clarissas e do respectivo Convento de Nossa Senhora de *Araaæli* vai permitir a reutilização de anteriores infraestruturas, podendo-se ver na Cripta Arqueológica um notável espólio da fase conventual, que foi ocupado já após a extinção das Ordens Religiosas, até 1834, pois parece ter aí ficando ainda a viver algumas freiras, até que, no século XX é abandonado e entra em degradação.

### **Miróbriga e Santiago do Cacém**

Miróbriga fica situada no limite de uma faixa acidentada que se desenvolve a Este, constituída pelos contrafortes da Serra de Grândola e do Cercal, de que a colina onde se situa o *oppidum* se pode considerar a retaguarda. A Oeste, distando aproximadamente 15 Km em linha recta, o Oceano Atlântico.

O local teve uma ocupação anterior à romana, um *oppidum* da Idade do Ferro, o Oppidum Stipendiarium referido por Plínio, mas alguns investigadores (Carlos Tavares da Silva) fazem-na recuar até à Idade do Bronze.

O contacto com Roma dá-se a partir de finais do século II a. C. , sendo a ocupação plena datada do século I d. C.

Ascendeu a *Municipium* na época flávia e tem grandes intervenções arquitectónicas na Época flávia.

A área nuclear do aglomerado urbano ocupa aproximadamente 3 ha. Aparecem vestígios dispersos numa área com cerca de 8-9 ha. A sua malha urbana adapta-se à topografia, desenvolvendo-se o casario em volta do *forum* como que em anéis concêntricos.

São conhecidas várias *insulae* que atestam uma ocupação entre o século I d.C. e o século IV d. C. e três *domus*.

#### Obras Públicas

*Forum*: Orientado Noroeste/Sudeste. Praça praticamente quadrangular e templo in antis centralizado com *podium*. Estruturas que devem corresponder a uma Basílica e a uma Cúria.

Arquitetura religiosa: Dois templos um dedicado ao culto imperial e outro a Vénus (?).

Termas: *Balnea* com dois edifícios adossados e articulados entre si, provavelmente para uso discriminado dos dois sexos. Datáveis da segunda metade do século I-século II d. C.

Estruturas hidráulicas: São conhecidos inúmeros esgotos e canalizações ao longo do aglomerado. Não se conhecem fontes ou poços no interior do núcleo urbano actualmente conhecido, onde apenas se identificaram reservatórios e um poço de decantação junto às termas. Nos terrenos adjacentes foram, contudo, localizados dois *putei*.

Locais de espectáculo: Um hipódromo ou circo, distando do centro do aglomerado aproximadamente 1 Km. Não se conhecem vestígios das suas bancadas. A sua construção deve datar do século II d. C. e o auge da sua utilização deve ter correspondido ao século III d. C., seguida do seu declínio a partir de finais dessa centúria.

Rede viária: Os troços conhecidos de calçadas são construídos com grandes lajes assentes directamente no afloramento xistoso ou sobre o solo. Carecem de qualquer tratamento para a sua colocação, ou seja *statumen* e *rudus*. Medem, em média, aproximadamente 10-11 pés de largura.

No local pode visitar-se um «Centro Interpretativo» que nos permite conhecer melhor o Sítio Arqueológico

## Sines

De Sines ou do seu território já era conhecida a ocupação humana desde a Pré-História, como comprovavam os inúmeros trabalhos arqueológicos desenvolvidos por Carlos Tavares da Silva e de Joaquina Soares, e a notável obra de sua autoria, cuja leitura ainda hoje é indispensável, “Pré-História da Área de Sines” editado em 1981 pelo Gabinete da Área de Sines. Da Idade do Ferro, há também registo no concelho, não podendo deixar de lembrar o célebre “O Tesouro do Gaio”, descoberto numa herdade do termo de Sines, em 1966, muito possivelmente de origem púnica. Recentes sondagens realizadas dentro do perímetro amuralhado do Castelo, coordenadas por Antónia Soares e Carlos Tavares da Silva, e que foram objecto de trabalhos publicados a que Joaquina Soares vieram comprovar a presença humana desde o Paleolítico. A presença romana também já referenciada através das fábricas de salga existentes no exterior da muralha, foi confirmada em recentes trabalhos no interior da fortificação, e fazer equacionar a função estritamente piscatória e fabril desta cidade, salientando-se o aparecimento de uma base de uma estátua de Marte, publicada por José d’Encarnação, e um importante conjunto de elementos arquitectónicos de uma possível basílica visigótica do século VII que se encontra no Museu de Sines e que vem ajudar a comprovar a importância que Sines deve ter tido em Época romana e tardo-romana. O pedestal, em mármore, tem uma inscrição muito erodida que indica que a estátua foi mandada erguer por disposição testamentária de um sacerdote encarregado do culto imperial. De acordo com José d’Encarnação, o aparecimento de um pedestal para uma estátua dedicada a Marte só se justificaria com a existência de um espaço público a que estátua estivesse associada, muito provavelmente um templo, sobre o qual poderá ter vindo a assentar uma provável basílica visigótica.